

Quando um tiro é adequado

Categories : [Marc Dourjeanni](#)

Nos anos 2012 e 2013 foram veiculadas notícias referentes a caçadas de animais selvagens por famosos. Os casos mais comentados foram os do rei da Espanha que foi a Botswana caçar um elefante e que para má sorte sua também quebrou alguns dos seus ossos e o do ator Ronald Lee Ermey, que caçou uma leoa na África do Sul. Mais recentemente o alvoroço foi provocado pelo leilão do direito a se caçar dois rinocerontes negros na Namíbia. Nos três casos amplos setores do ambientalismo radical reclamaram da atrocidade cometida – ou pretendida – e, no caso do rei, até foi exigida sua renúncia à presidência honorária do *World Wildlife Fund* espanhol. Essas notícias repercutiram no Brasil, onde a caça está proibida na prática, sob a mesma ótica de reprovação geral. Nesta nota se analisam os fatos desde outro ângulo.

A caça que é legal

Em primeiro lugar, convém lembrar que a caça esportiva e outras modalidades de caça não só são perfeitamente lícitas senão que inclusive recebem apoio financeiro e técnico dos governos da maior parte dos países desenvolvidos do mundo, por meio de instituições públicas respeitadas e eficientes. A lista dos países onde o manejo da fauna selvagem é mais adiantado inclui obviamente os EUA e o Canadá, a maior parte da Europa, a Rússia e todos os países da antiga União Soviética. Mas, a caça também é permitida na maior parte dos países dos outros continentes e, diga-se de passagem, também na América Latina. O caso do Brasil onde a caça, com a relativa exceção da Amazônia, é praticamente proibida é bastante peculiar em especial levando em conta o tamanho colossal do seu território.

Existem muitas razões para que a caça seja permitida e até fomentada oficialmente em pleno século XXI. Uma delas, muito importante, é a redução dos habitats naturais de muitas espécies, o que ocasiona superpopulações que se não forem controladas, provocam catástrofes populacionais – fome, enfermidades, parasitas – para a espécie e, assim mesmo, eventuais danos à sociedade. Um dos casos mais conhecido é o da superpopulação de elefantes em alguns parques nacionais, como o Kruger da África do Sul. Mas este problema ocorre mesmo fora das áreas protegidas, em extensas áreas. De outra parte, a população animal que cresce acima da capacidade de carga do seu ambiente natural avança sobre os que são antropizados, ocasionando prejuízos. Bem conhecidos são os casos de elefantes destruindo cultivos na África e na Ásia ou os de leões e tigres atacando até gente respectivamente em ambos os continentes. No Brasil o caso mais conhecido é o das onças predando o gado.

A caça também é necessária e permitida em todos os grandes espaços naturais remanescentes

no planeta, como as florestas e planícies frias do Canadá, da Alaska e do norte da Rússia e nas florestas tropicais de qualquer continente. Nestes casos é ecologicamente necessária para limitar o crescimento da população dessas espécies e economicamente justificada para a sobrevivência das populações locais, assumindo a modalidade de caça para alimentação ou, em muitos casos, de caça comercial, embora que não exclua a caça esportiva. Apenas na Amazônia brasileira pode-se afirmar que diariamente os agricultores, índios, madeireiros e seringueiros abatem milhares de animais grandes como porcos do mato, antas e veados ou pequenos como tatus, pacas e tartarugas sem que isso seja notícia e sem que isso seja motivo de extinção de espécies. A caça é igualmente necessária para controlar espécies invasoras, como no [caso da população de javali](#) na Argentina e no Brasil – o único caso em que a caça está explicitamente autorizada no Brasil – e, dentre centenas de outros exemplos, se pratica também na Nova Zelândia para controlar cervos exóticos.

A caça como atividade econômica

A caça é uma atividade econômica como qualquer outra. E é importante. Apenas a caça esportiva (um dos rubros econômicos da caça) foi praticada por 13,7 milhões de americanos em 2011 que gastaram US\$43 bilhões de dólares para praticá-la. Uns 85% deles caçou animais grandes. Embora o número de pescadores esportivos seja muito maior, eles gastam bem menos e, por isso, a caça representa quase 50% do gasto em atividades relativas a fauna. De cada 100 dólares do PBI dos EUA, um é fornecido pela caça e pela pesca esportivas.

Estatísticas como essa existem para todos os países que praticam manejo de fauna e alcançam somas muito mais elevadas se for considerada a caça comercial e o valor da caça de subsistência calculada em termos de proteína produzida pela pecuária.

O manejo de fauna com fins comerciais, como no caso da vicunha nos Andes do Peru, é uma atividade econômica muito mais rentável que a pecuária nas mesmas punas que são frias e áridas e cujos pastos estão degradados pelo pastoreio abusivo e as queimadas. Isso foi demonstrado e posto em prática pelas comunidades locais, com excelentes resultados econômicos para elas.

É importante ressaltar que tudo isso é feito sem ameaçar as espécies. Muita gente acredita que a caça é a principal causa da extinção dos animais selvagens. Mas, as evidências demonstram que esse não é o caso quando a caça é resultado de planos de manejo bem feitos e adequadamente implementados. Mais ainda, a caça é um instrumento essencial para manter a saúde das populações selvagens nas condições atuais. De fato, a principal causa de extinção de espécies é a destruição dos ecossistemas onde elas vivem devido à expansão da atividade agropecuária.

Qual é o problema?

A caça é problema quando é ilegal, ou seja, quando não respeita as regras que por sua vez sejam resultantes da aplicação de planos de manejo da fauna. Esses planos podem ser tão simples e

efetivos como os que os índios amazônicos aplicam tradicionalmente ou tão complexos e eficientes como os que utilizam o *Fish and Wildlife Service* (Serviço de Pesca a Fauna Silvestre) dos EUA.

Pelo contrário, a caça furtiva, em especial com fins comerciais de espécies raras e valiosas tem um impacto demolidor e, sem dúvida, pode levá-las à extinção. Tal é o caso de [rinocerontes perseguidos](#) pelo suposto efeito afrodisíaco de seu "corno" ou os elefantes abatidos pelos seus colmilhos de marfim. Também é o caso de muitos outros animais das savanas africanas que são mortos para vender a sua carne nos mercados populares. Pior ainda é o comportamento das hordas de guerrilheiros e soldados africanos que massacram animais à toa, usando armamento militar. A caça esportiva, eventualmente pode produzir o mesmo efeito quando é sem controle e escolhe animais particularmente raros na natureza. Pelas leis do mercado, a raridade do animal eleva seu valor para os caçadores amadoristas que podem gastar fortunas para obter troféus que possam exibir. Esse tipo de caça deve ser estreitamente supervisado.

A caça informal ou ilegal é um problema em todos os países, inclusive nos mais desenvolvidos. Mas, alcança a sua máxima expressão nos países menos desenvolvidos onde o Estado não tem capacidade de gestão, nem de controle. Lamentavelmente, quando se trata de caça a imagem mais frequente no público é a dessa caça ilegal que é muito prejudicial e que deve ser banida. O público frequentemente não sabe diferenciar entre a tão noticiada matança de rinocerontes no nordeste da África do Sul, praticada por bandidos vindos da vizinha Moçambique, do controle da população de elefantes realizada por pessoal especializado nos parques nacionais desse mesmo país. E, em geral, transfere sua visão negativa a todas as formas de caça, inclusive as cuidadosamente planejadas e executadas como no caso dos EUA.

Pior ainda é quando um país, como o Brasil, fecha quase todas as possibilidades de fazer manejo da fauna deixando apenas viável a caça ilegal e desordenada. É, por exemplo, evidente que a muito bem estudada população de onças do Pantanal, artificialmente elevada pela presença de gado, permitiria uma caça amadorista regulamentada com base em informação científica, que brindaria retorno econômico suficiente para compensar as perdas de gado que sofrem os pecuaristas. Isso se obteria sem prejuízo para os fazendeiros que se aproveitam das onças para os safaris fotográficos, propriedades nas quais obviamente não seriam caçadas. Como os proprietários rurais que não se dedicam ao ecoturismo não podem "vender" a caça de onças eles simplesmente as eliminam, muitas vezes usando venenos.

Pelo contrário, na Argentina a caçada esportiva de pumas é permitida, dando origem a uma atividade lucrativa onde a sobrevivência desses felinos está assegurada, pois, do mesmo modo que um pecuarista precisa manter seu plantel de reprodutores, eles também evitam caçar mais pumas do que a reprodução dos mesmos permite, para manter o negócio funcionando. Isso é simplesmente manejo da fauna selvagem do mesmo modo que a pecuária é o manejo de animais

domésticos.

O caso das caçadas dos famosos

É óbvio que o rei de um país desenvolvido como Espanha, onde, diga-se de passagem, a caça amadorista é legal, não deveria se expor caçando, menos ainda caçando elefantes a um custo exorbitante e acompanhado de uma dama que não é a sua esposa. Mas, fora isso, Bostwana e os outros dois países africanos mencionados são os que melhor manejam sua fauna e conservam o seu patrimônio natural nesse continente.

Em África do Sul, Bostwana e Namíbia se pratica um manejo dos recursos faunísticos que é de qualidade comparável aos dos países mais avançados e, como assinalou o Ministro do Meio Ambiente da Namíbia, defendendo a decisão oficial de leiloar a caça de alguns exemplares de rinoceronte negro, o dinheiro que se receba servirá precisamente para manter a espécie, que está em perigo de extinção, e muitas outras no mesmo habitat. A quota anual de cinco animais teria sido calculada com cuidado e não poria em perigo a população de rinocerontes negros do país que alcança a 1.800 exemplares.

A caça esportiva é uma atividade muito rentável para muitos proprietários de terras com baixa vocação para a agricultura ou a pecuária e, de passagem, permite manter enormes áreas naturais, com toda a sua fauna nativa. Nessas fazendas se extraí cuidadosamente alguns exemplares a cada ano por caçadores em procura de troféus e que pagam centenas de vezes mais caro que o valor do animal em termos de carne, couro ou pele, sem considerar o custo dos serviços de apoio aos safaris. Isso permite criar corredores biológicos entre unidades de conservação onde a caça está proibida. De não se permitir este uso da terra tudo seria desmatado ou dedicado à pecuária. Toda essa atividade é obviamente controlada pelos serviços especializados do Estado.

A caça esportiva também pode ser um grande negócio para comunidades camponesas ou indígenas. Já foi mencionado o caso da vicunha no Peru, mas, é ainda mais impressionante o caso de uma espécie rara de carneiro de montanha da Baja Califórnia, no México, onde a sua caça é permitida sob um estrito controle. As paupérrimas comunidades locais, com apoio de entidades ambientalistas, oferecem um exemplar só desse animal por ano a caçadores amadores pelo exorbitante preço de um milhão de dólares. Com esse dinheiro, a comunidade se beneficia com infraestruturas e benfeitorias além de restaurar o ecossistema degradado e permitir a recuperação da população do carneiro e das outras espécies próprias da região.

Obviamente também existe manejo de fauna e caça esportiva em terras públicas, como nos EUA e Canadá, ou na Rússia. A venda de permissões de caça é feita na base de quotas definidas a partir de censos anuais das populações. Não há riscos para as populações das presas e, ademais, tanto os especialistas das universidades como os das organizações não governamentais fazem

seguimento estrito das decisões da administração. A caça esportiva leva séculos sendo praticada nos EUA e não há diminuição das populações. O que colocou em risco os bisontes foi a caça comercial e o que quase extingue os lobos foi a caça sanitária. Hoje ambas as espécies já se recuperaram.

No Peru, por exemplo, uma das áreas protegidas melhor conservada é o Coto de Caça *El Angolo*, localizado nas florestas secas do noroeste. O uso desta área foi leiloado e o clube de caça esportiva que ganhou está obrigado a seguir as indicações proporcionadas por professores de uma universidade conceituada, com supervisão da autoridade nacional de áreas protegidas. O dinheiro arrecadado permite a proteção de toda a área e assim mesmo a proteção de numerosas outras espécies da fauna, dentre elas muitas raras ou em perigo de extinção, cuja extração não está permitida. A manutenção de uma população viável de veados está garantida.

Em conclusão

Os animais selvagens, livres, que são mortos com um tiro certeiro por caçadores esportivos ou por caboclos e índios têm uma vida e uma oportunidade melhor que os milhões de bois, porcos e frangos criados massivamente, em confinamento, apenas para morrer de modo tanto ou mais cruel. De qualquer forma, pelas regras da natureza, o destino de todo animal selvagem é o de servir de comida a outros.

O fato importante a se considerar é que a caça corretamente planejada e executada, em especial a esportiva, goste-se ou não, é uma grande oportunidade para a conservação da natureza, tanto como no caso do manejo florestal sustentável. E, assim mesmo, ambas as atividades podem complementar e financiar a preservação da natureza em unidades de conservação de proteção integral. E, finalmente, o manejo da fauna segue sendo uma alternativa econômica e uma fonte de empregos para grande parte da população rural mais pobre de extensas regiões.

Leia Também

- [Manejo da fauna I](#)
- [Manejo da fauna II](#)
- [Manejo da fauna III](#)